

# Somos o que não existe —

*Luizza Milczanowski*

## BIOGRAFIA DA AUTORA

Tem 21 anos e é estudante de direito da UFRJ. Pôde colaborar com alguns de seus textos na revista **Desenredo**; em 2015, no projeto **Folhinha Poética**; em 2017 e 2019, na revista **Philos**; em 2016 e 2017, na **Revista intransitiva**, e na **Subversa**, em 2018. É também colaboradora da **Fale com Elas**, na plataforma **Medium**.

## RESUMO DO TEXTO

Magoada com o fim de um relacionamento, uma mulher, ao voltar para casa em uma noite escura, reflete sobre sua existência com relação a si e aos outros, sobre a liberdade de ser o que se é e aquilo que condiciona essa liberdade.

É inevitável a vontade de morrer. A dimensão do corpo de ossos na cama e o estômago côncavo da fome. Não tenho forças para levantar e comer alguma coisa. Deixar de comer é uma maneira de desaparecer. O corpo afunda na cama e sinto que, por meio da fome, deixo um pouco de existir. A fome é uma forma de não existir. E é também uma forma de dor. Sentir dor, paradoxalmente, faz existir. É uma forma de sentir o mundo porque não se quer sentir outras dores. É a dor física que substitui a dor emocional.

Tento me distrair pensando em formas de morrer, em formas de me machucar, e os momentos do passado e da fantasia vão rodopiando em imagens disformes. Minha consciência é profundamente imagética. As imagens se formam e disformam, gelatinosas. Nado no ambiente, atravessando o ar em posição cachorrinho. Um dia eu aprendi a nadar.

Tento me distrair também, porque agora não posso chorar. Sei que, se falhar, se me deixar um momento sozinha, se não me deixar ocupar, nadando, nadando, correndo entre as borboletas, vendo e fugindo das imagens que me machucam, irei chorar. As lágrimas chegam a subir aos olhos, mas as ignoro, não permito que elas se formem propriamente em choro, porque esse choro será enorme, ruidoso, gigantesco, infundável. Sabemos, agora eu não posso.

Eu me sinto segura nas imagens que existem em mim. Mas, mesmo dentro da minha mente, eu não posso ir a todo lugar. Eu só posso ficar no jardim, que é formado por um monte. Lá é o único lugar que me sinto segura, o único lugar-momento, que se repete e se repete. É lugar que repete o mesmo momento dentro de um mesmo tempo-espço. Não posso entrar na casa, acessar os cômodos. Não é seguro. As gavetas estão abarrotadas. Em minha mente, eu só posso ficar no jardim, entre as borboletas.

Indo para casa, eu olho bem para a estátua de Caxias, para o Cristo lá atrás e o pôr do Sol ao fundo. Eu diria que o Cristo está atrás do pôr do Sol, mas não é assim. Acho tudo muito bonito ainda que veja as mesmas coisas todos os dias, ainda que seja a Central do Brasil. Vadim me diz: a vida é bonita. A vida é triste. É tudo que preciso saber. Mesmo assim, vem o estresse do transporte público às 19h do horário de verão, que me fará viver menos dias, escrevam.

Passam-se imagens e vontades. Mas sei que não farei nada. No fundo, serei previsível e deixarei tudo para lá – seguirei meus dias como sempre são os dias, a rotina cerceante, o mundo dentro de mim, minhas vontades de fazer arte – e, no fim, morrerei.

Tentei pensar em pessoas que poderiam me ajudar, em alguém que eu pudesse contar nesse momento. Mas não me veio ninguém. Não fui capaz de pensar em ninguém que eu tivesse plena confiança, a quem eu diria: posso ir para aí? Sim. E eu não precisaria me explicar, porque, com aquela pessoa, nenhuma explicação seria necessária.

Novamente a vontade do choro, e sabemos que não posso chorar.

O caminho do trem para casa é escuro e deserto. Vou andando com rapidez. Se eu morrer, ninguém saberá da dor que eu senti hoje, de todo o sofrimento e mágoa que sinto. Se eu morrer aqui, ninguém saberá o que senti em meus últimos momentos, o que exatamente eu pensei, o que exatamente fizeram comigo, como/quem era meu assassino, por que era, e por que eu era. Nada disso efetivamente existirá porque minha morte porá fim nessa existência. O que agora existe em mim deixará de existir comigo. Nunca chegou a existir. Nada existe além daquilo que somos em um instante e do que recriamos incessantemente. É a recriação incessante da vida o processo de nos eternizar na escrita. Mas nada do escrito é o que efetivamente existiu. Nada existe além do que existe no instante.

Foi assim que, no caminho, eu vi uma moça. Mais à frente, ela andava também sozinha. Acelerei o passo porque queria tê-la no meu campo de visão, não muito distante de mim. Se algo acontecesse a ela, eu veria. Se algo acontecesse a mim, ela estaria ali. Acabei andando rápido demais e me aproximando demais. Assim, vou assustá-la. Mas não durará um instante, porque ela vai ver que sou uma

mulher e logo ficará tranquila. É o que acontece. O meu erro é que continuei a andar rápido demais e logo era eu a estar na frente. Agora ela era eu e eu era ela. Continuei a andar, a igreja de um lado, eu do outro.

A dor da indiferença é uma dor que dói fundo. É uma dor pior do que a dor da raiva, da briga, das discussões. Porque a raiva, nociva, se retroalimenta com o outro. Porque existe o outro. Na indiferença, não há outro. A mágoa é inteira sua. Não há nada que a alimente além da dor da solidão, da rejeição, da falta de amor do outro. A falta de plenitude no amor é paralisante. Descobrir que não se é amado e que não existe nada a se fazer com relação a isso. Não se pode fazer nada na falta de amor: não se enfia o amor na goela do outro. Se alguém não te ama, não existe nada que se possa fazer. É a partir disso que vem um dos processos mais dolorosos em nossas patéticas relações humanas: o seguir em frente.

Lidar com a solidão é um processo demorado. Aprender a estar só, a existir em si mesmo. É o medo de não existir além de nós, de morrermos no que somos, que nos faz estar com o outro. É a partir do outro que seremos alguma coisa. É a partir do outro que se é.

Por isso, agora, eu preciso de você. Sem o leitor, eu não existo. É nesse processo de construção da minha existência que eu te convido a seguir comigo.

Tem gente que se casa ou divide as novidades com os amigos. Eu escrevo.

Escrever não é a melhor opção. Escrever é doloroso e, muitas vezes, desagradável. Escrever não nos afaga, não tem a pele cheirosa e quente, não nos beija os olhos, não nos elogia, não nos abraça. É muito melhor contar a um amor do que contar a um papel.

O papel é um reflexo do que somos com maior liberdade e inteiriço. Eu sou inteira dentro de mim e quase inteira em minhas palavras. As palavras são refrações debilitadas da imensidão que vivo sendo quem eu sou, em minha consciência, como é cada um de nós. Como é você. Escrevemos para um outro que somos nós e um outro distante, desconhecido, que é você. Mas, sem você, eu não teria por que escrever. Sem você, eu não existo.

A solidão é perfeita para quem escreve porque, com uma companhia, existem menos motivos para escrever. A necessidade vem, inevitável, da forma como deve vir: na dor. O escritor exercita sua solidão, sua observação e sua imaginação para deixar passear o seu Eu fluido. É um Eu que se torna muitos e que vai e volta, repete e inova, vem a ser e deixa de ser.

Escrevo também porque o que sou em meio a outras pessoas é algo muito distante do que sinto que posso ser em mim. Não consigo ser com os outros da mesma forma que sou nesse pedaço de papel. A vida é feita de muitos inteiros que se desencontram. Não há muito espaço na rotina para as lágrimas da falta de plenitude no amor. Não existe nenhum lugar – e agora nem aqui, no papel – que eu possa transbordar toda a mágoa que há em mim. É triste ter de dizer isso. Sei o que sinto e como isso me faz sofrer e como isso me machuca, mas é algo que eu só posso ter para mim. Não posso transmitir a mais ninguém essa dor física que mora em um espaço tangível de ferida aberta em meu corpo. Há individualidades frementes na vida que pertencem somente a si mesmo. Me diga: você sente que a dor, por isso, deixa de existir?

As coisas que não existem – que existem apenas no nosso Eu – são as que existem visceralmente. Somos, no fundo, o que nunca existirá em mais ninguém. Estamos fadados à solidão de sermos quem somos, de sentirmos o que sentimos e de não podermos comunicar a mais ninguém a completude desse sentimento. O entendimento mora em um espaço que existe entre o que eu posso transmitir e aquilo que o outro imagina perceber, e essa percepção é sempre refratada. Nunca somos o que se é para os outros. Nunca seremos capazes de apreender o inteiro do outro. Somos em essência aquilo que não existe.

No fundo, sabemos, isso não diz nada. Não ajuda em nada. A vida seguirá até deixar de ser. Engolida pelos microespaços que posso observar de perto, pela vida de cada um, pelos fatores que nos condicionam à pretensa realidade: pobreza, transtornos mentais, abuso. *Eu sou livre?*, pergunta Vadim. Somos livres. Mas algumas liberdades são maiores do que as outras. Divirta-se.